



## A APRENDIZAGEM PARA O ENSINO NO KARATÊ: ESTUDO A PARTIR DA HISTÓRIA DE VIDA DOS INSTRUTORES

---

**Gabriel Renaldo de Sousa  
Valmor Ramos**

Universidade do Estado de Santa Catarina – Brasil

**Resumo:** O presente estudo tem como objetivo examinar a percepção dos instrutores de Karatê quanto à sua aprendizagem profissional, classificando suas fontes de conhecimento. Adotou-se o método de pesquisa qualitativa, do tipo descritiva interpretativa. Foram investigados três instrutores de Karatê da região da grande Florianópolis com experiência no ensino da modalidade. Os dados foram coletados a partir de entrevistas dos tipos estruturada e semiestruturada. As respostas foram gravadas e transcritas literalmente. Os resultados mostraram que os instrutores buscam fontes formais e informais de aprendizagem profissional. A fonte de conhecimento mais valorizada pelos instrutores refere-se ao seu processo informal de reconstrução das experiências, surgidas pela resolução de problemas da prática cotidiana de aula.

**Palavras-chave:** formação profissional; história de vida; karatê.

### INTRODUÇÃO

Em vários países a formação de treinadores ou instrutores para o ensino de esportes para jovens tem tomado dois direcionamentos importantes: o primeiro diz respeito à reformulação e também à criação de programas de formação e certificação profissional por entidades governamentais, federações e associações esportivas (TRUDEL; GILBERT, 2006; WRIGHT; TRUDEL; CULVER, 2007; NORDMANN; SANDER, 2009). O segundo direcionamento está relacionado à realização de estudos empíricos sobre os conhecimentos específicos dos profissionais, para a implementação desses programas (ABRAHAM; COLLINS; MARTINDALE, 2006; CUSHION, 2006).

No âmbito da intervenção esportiva, Gilbert e Trudel (2004) estabelecem um paralelo entre as diferenças no tipo de formação para professores de Educação Física,

em contraste com o processo atual de formação de treinadores ou instrutores para o ensino de esportes para jovens fora do âmbito escolar. Enquanto os professores possuem um sistema de formação profissional de nível superior, com vários anos de preparação e estruturas claramente definidas, a qualificação pedagógica do instrutor depende muito mais da disposição e responsabilidade pessoal do que de uma estrutura de conhecimento formal institucionalizada.

No Brasil, a formação de instrutores ou treinadores esportivos parece seguir a mesma tendência. Embora tenham surgido alguns programas de capacitação, eles ainda não atendem à generalidade das modalidades esportivas. A formação, portanto, está ligada a iniciativas isoladas e individualizadas de algumas entidades ou federações, para atenderem suas necessidades específicas.

Por outro lado, as novas orientações para a formação inicial dos profissionais de Educação Física poderão contribuir para diminuir esse problema na formação de instrutores esportivos, por meio dos cursos de bacharelado, por exemplo. A perspectiva é preparar profissionais para intervir nas diferentes formas de manifestação do movimento humano fora do contexto escolar (BRASIL, 2004; BETTI, 2005; HUNGER et al., 2006; PEREIRA; MOREIRA, 2008; NASCIMENTO et al., 2009). Entendem-se como manifestações da cultura do movimento humano os conhecimentos curriculares ligados a jogos, danças, ginásticas, lutas e esportes.

Relativamente aos estudos sobre o conhecimento dos instrutores, eles foram realizados por meio da combinação de métodos qualitativos (entrevistas, observações, pensamento em voz alta), para determinar o que os instrutores sabem a respeito de como ensinar, como construíram estes conhecimentos a partir de sua experiência pessoal e como os utilizam na prática (ABRAHAM; COLLINS, 1998).

O valor da experiência esportiva parece ter implicações importantes na atuação dos profissionais do ensino ou treino, porque permite ao instrutor criar crenças, ou um repertório de crenças, sobre como ensinar a partir das percepções de suas próprias aprendizagens, das observações que realiza de outros instrutores a ensinar, e da resolução de situações dilemáticas que enfrenta no seu cotidiano de intervenção prática. Ao recordar e refletir sobre esses episódios, dificuldades e situações de êxito na aprendizagem pessoal e no ensino, eles parecem aumentar sua capacidade de lidar com as próprias dificuldades da prática do ensino.

Diante desse cenário de busca da qualificação dos treinadores ou instrutores para a intervenção pedagógica no esporte, cabe direcionar as preocupações da formação dos instrutores do Karatê que, apesar de apresentar-se como uma forma de manifestação do movimento humano tradicional e popular no âmbito das sociedades atuais (FUNAKOSHI, 2000), tem sido abordada de forma ainda incipiente quanto aos programas sistematizados de formação.

Nesta perspectiva, e considerando a produção científica como uma importante fonte para a construção do conhecimento útil no ensino dos esportes, o presente estudo tem como propósito examinar a percepção dos instrutores de karatê quanto à sua aprendizagem para o ensino dos esportes, e, neste caso particular, para o ensino do Karatê. O objetivo deste estudo, portanto, é descrever a história de vida profissional do grupo de orientadores esportivos selecionados e entrevistados, identificando e classificando suas fontes de conhecimento.

Acredita-se que o desenvolvimento do instrutor para a intervenção pedagógica está vinculado diretamente à sua trajetória de vida pessoal, de modo que a descrição desse percurso pelo próprio treinador pode revelar informações para se estabelecer direcionamentos úteis para o desenvolvimento de outros instrutores esportivos, ou até mesmo fornecer subsídios para a criação de propostas curriculares no âmbito das artes marciais, na formação inicial em Educação Física (LEE; WILLIAMS; CAPEL, 1989; JONES; ARMOUR; POTRAC, 2004; GARCIA; PORTUGAL, 2009).

## **METODOLOGIA**

### ***Método de Pesquisa***

Para este estudo adotou-se a pesquisa qualitativa, pois ela busca compreender o significado da experiência dos participantes integrados a um ambiente específico, preservando, portanto, os aspectos mais globais ou totais do contexto de interesse. A característica mais importante da pesquisa qualitativa é compreender o fenômeno a partir da sua descrição e interpretação, ao invés da rigidez dos procedimentos (THOMAS; NELSON, 2002).

### ***Sujeitos da Pesquisa***

Participaram da pesquisa três instrutores provisionados de Karatê, com experiência no ensino da modalidade na cidade de Florianópolis. Para participar da pesquisa, os entrevistados contemplaram os seguintes requisitos: experiência de prática como instrutor de Karatê por mais de 15 anos; disponibilidade e motivação para participação no estudo; reconhecimento dos pares, nomeadamente, de dirigentes da modalidade e de outros instrutores de Karatê sobre sua competência.

Todos os participantes foram informados sobre os objetivos da investigação e assinaram o respectivo termo de consentimento para a gravação e divulgação das informações. O projeto foi avaliado por comitê de ética em pesquisa com seres humanos em uma universidade pública no Brasil e atende às normas de pesquisa envolvendo seres humanos (UDESC, 2011).

## **INSTRUMENTO E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS**

Para este estudo utilizou-se um roteiro de entrevista estruturada, na qual foram abordados temas sobre a identificação pessoal dos instrutores, nível de formação, tempo e nível de experiência de prática pessoal e de ensino no esporte. Utilizou-se também um roteiro de entrevista semiestruturada, que permitiu obter descrições contextualizadas sobre a biografia de cada instrutor, particularmente a trajetória da experiência de prática pessoal e no ensino da modalidade; episódios marcantes de suas experiências; nível de valorização pessoal para as experiências; motivação para a prática pessoal e de trabalho (RAMOS, 2008). Indagou-se também sobre a percepção pessoal sobre qual conhecimento o instrutor de Karatê necessita dominar para atuar no ensino de jovens, como cada um deles julga que obteve o seu conhecimento para o ensino no Karatê e como faz para mantê-lo. As entrevistas foram feitas em local previamente determinado e reservado. Todas as informações foram captadas por um gravador digital e armazenadas em um notebook.

### **Análise de dados**

As respostas emitidas pelos pesquisados foram transcritas literalmente com auxílio de um editor de texto digital. As categorias de análise foram previamente definidas e correspondem às fontes formais. Nesta perspectiva, a aprendizagem do tipo formal ocorre a partir de um sistema de formação ou de certificação, organizado institucionalmente por níveis hierárquicos de conhecimento ou programas, realizado por um período de médio ou longo prazo. A aprendizagem do tipo não formal corresponde às oportunidades de aprendizagem que se situam fora da estrutura do sistema formal, idealizada para fornecer alguns tipos de aprendizagem para subgrupos particulares da população em períodos mais curtos e suprir a ausência de um programa formal de formação. O tipo de aprendizagem informal é uma oportunidade de obtenção do conhecimento mais livre, mais a cargo do aprendiz, decorrente de situações e relações de informalidade e de pouca estruturação burocrática.

Os dados foram analisados seguindo a perspectiva de Yin (2001), ou seja, cada caso é descrito individualmente, considerando aspectos de sua biografia, experiência de prática pessoal e de ensino na modalidade e, por fim, as situações em que cada instrutor acredita que obteve os conhecimentos que possui para ensinar o Karatê. Posteriormente, há o confronto dos resultados de cada caso, estabelecendo uma discussão acerca do referencial adotado, neste caso em particular, as fontes formais, não formais e informais, segundo definição de Nelson, Cushion e Potrac (2006).

Para conferir a validade das descrições utilizou-se a checagem pelos participantes, na qual se solicitou aos sujeitos do estudo uma apreciação do texto elaborado

e aprovação da veracidade das informações (ALVES, 2002; ALVES-MAZZONTTI; GEWANDSZNADJER, 2004).

## **APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### ***Biografia do instrutor I (il)***

O instrutor I (il) nasceu no estado de Santa Catarina em 1976. Possui Licenciatura em Geografia e pós-graduação em Gestão escolar. Na área da Educação Física é provisionado pelo Conselho profissional de Educação Física, possuindo também curso de Educação Física de nível médio ou profissionalizante. Esse curso de nível médio foi suprimido do contexto atual da formação profissional em Educação Física. Além de instrutor de Karatê, (il) é professor de Geografia. Como instrutor de Karatê, desenvolve dois projetos voltados para a formação de jovens karatecas em duas escolas públicas de Florianópolis e também em uma destacada universidade particular de Santa Catarina.

### ***Experiência de prática pessoal e profissional do instrutor I (il)***

A primeira vez que instrutor I teve contato com o Karatê foi por meio dos amigos, que o incentivaram a participar das aulas que frequentavam. Contudo, ele destaca que em razão de sua falta de recursos para pagar as aulas, não participava dos treinos com seus amigos. Suas primeiras experiências nesta modalidade, portanto, foram apenas de observação das aulas dos amigos. “Eu comecei a assistir as aulas, não fazia, mas ia até lá assistir eles praticarem...”

Essa experiência inicial e a sugestão dos amigos parecem ter sido marcantes para que este instrutor iniciasse a prática do Karatê. No seu relato, ele mostra as alterações de atitudes que teve frente à prática da modalidade.

“No começo, zombava, dizia que o Karatê não servia para nada, depois comecei a assistir, e até trabalhar e guardar dinheiro para poder começar, daí sim, para fazer academia. Isso com 11 anos, de 10 para 11 anos.”

Parece que as sugestões dos amigos para que praticasse o Karatê o influenciaram. Na avaliação dos amigos, ele possuía qualidades de um lutador, por causa de seu desejo pessoal de disputa com as pessoas, recebendo o apelido “brigão”. Dessa experiência prática, instrutor I parece haver identificado algum valor social de disciplina no Karatê. Para ele, o Karatê o auxiliou a organizar-se e disciplinar-se individualmente diante das circunstâncias, ou seja, “... a ter um objetivo na vida, a ser mais disciplinado e perseverante.” O instrutor I foi praticante de Karatê por 14 anos, participando de várias competições nesse período.

Enquanto instrutor de Karatê, seu tempo de experiência pode ser contado em 19 anos de atuação, da formação de jovens aprendizes, até a preparação de atletas para competições de nível internacional. Quando iniciou sua carreira e, em razão de seu conhecimento como praticante, o instrutor I acreditava que possuía todo o conhecimento necessário para o ensino, porém sentia falta de uma pedagogia específica para seu trabalho.

O instrutor I enfatiza o caráter social de sua prática pedagógica, primando pela participação, independentemente da idade, condição socioeconômica e nível de prática dos seus alunos. Concretamente, seus alunos são em grande parte de baixo poder aquisitivo, com idade que varia entre seis e 40 anos. Para o instrutor, o significado pessoal de sua tarefa de intervenção pedagógica é utilizar o Karatê como um meio para criar valores sociais importantes para a vida dos seus alunos. Principalmente daqueles de baixa renda. O instrutor I parece transferir para a sua prática profissional os mesmos significados e valores da sua experiência de prática pessoal.

### **Fontes de conhecimento do instrutor I (i1)**

O instrutor I destaca três fontes das quais adquiriu seu conhecimento para o ensino do Karatê. Inicialmente, a observação dos seus instrutores em atividades de ensino, durante o seu próprio período de aprendizagem e prática do Karatê. Em segundo lugar, os cursos de curta duração ou modos não formais de formação. Por fim, destaca o dia a dia de sua prática pedagógica. “Eu acho que fui aprendendo no dia a dia, na verdade, com o professor que tive. Foi a experiência durante a aula, de erros e acertos que cometi e fui aprendendo, e cursos que fiz também, vários cursos até na área da Educação Física e educação em geral. As famosas Jornadas de Educação Física do Paraná e Rio Grande do Sul.”

Relativamente ao conhecimento obtido a partir da resolução dos dilemas de aula, o instrutor I destaca que sua verdadeira identidade profissional no ensino ocorreu “efetivamente dando aula, praticando.” “Eu desenvolvi uma maneira própria de dar aulas, depois que fui ter a prática.”

### **Biografia do instrutor 2 (i2)**

O instrutor 2 (i2) nasceu no estado de Santa Catarina no ano de 1949. É formado em Engenharia. Possui o curso profissionalizante do Conselho Regional de Educação Física. Foi atleta durante 10 anos de sua vida, chegando a competições de nível nacional, quando se mudou para Florianópolis, tornando-se instrutor de Karatê pela ausência de outros instrutores na cidade. Enquanto instrutor, atuou por mais de 30 anos, tendo como enfoque principal a formação de atletas. Atualmente trabalha

como sócio proprietário de uma franquia dos Correios e continua praticando Karatê em um local de treinamento, construído exclusivamente para sua prática pessoal.

### **Experiência de prática pessoal e profissional do instrutor 2 (i2)**

O instrutor 2 (i2) iniciou sua prática de Karatê com 16 anos de idade, na cidade de Curitiba. Passou por outras artes marciais, como kendo e judô, mas encontrou no Karatê uma arte marcial em que poderia treinar sozinho, sem a necessidade de um companheiro de treino.

Como atleta, participou durante 10 anos de competições de Karatê, competindo também em nível nacional. Com uma experiência de mais de 30 anos como Instrutor de Karatê, ensinou pela primeira vez após sua mudança de residência para a cidade onde reside até o momento, em 1970, para cursar Engenharia em uma universidade pública federal. Nessa oportunidade, queria praticar alguma arte marcial, porém não encontrou nenhum instrutor ou companheiro de treino na cidade. Acabou por criar um núcleo para a prática com colegas da faculdade, passando posteriormente a ensinar-lhes algumas técnicas. Foi sua primeira experiência no ensino. “Quando aqui cheguei não existia praticante, então por isso que dali em diante, de 64 até 70 eu pratiquei no Paraná, de 70 pra cá eu pratiquei, comecei a praticar sozinho, tive que formar os companheiros, pra poder treinar juntos.”

Com o crescente interesse de outras pessoas, iniciou trabalho com jovens de 14, 15 anos. Trabalhou nas categorias adulta, juvenil e infantil, e seus atletas atingiram níveis internacionais de competição. Sua atividade no ensino do esporte obteve reconhecimento pela atuação na formação de jovens. “Eu trabalhei a maioria com adulto, mais dei algumas aulas para juvenil e infantil, na verdade eu fazia mais a formação de atletas, dava uma aula básica, e o resto, mas minha dedicação mesmo é a formação dos atletas.”

Atuando na formação juvenil, ele enfocou seu trabalho primordialmente no aspecto físico, em seguida buscando um “adestramento” corporal para tentar encontrar o equilíbrio psicológico emocional, conceito este advindo de uma pedagogia militar, pela qual o treinamento físico é feito como modo de adestrar o corpo do praticante. “Quando através do exercício físico e do adestramento do teu corpo, você vai se equilibrando fisicamente, isso vai te gerando uma confiança interna, um autocontrole, uma tranquilidade interna, em relação à agressão [...]”.

### **Fontes de conhecimento do instrutor 2 (i2)**

O instrutor 2 (i2) evidencia em sua entrevista duas fontes importantes para a construção do seu conhecimento: a experiência de observar o seu treinador a dar aula, e a proveniente da resolução dos problemas de prática de ensino do seu dia

a dia. Para ele, seu primeiro instrutor serviu como uma modelo para aprender os conteúdos do Karatê e também os valores sociais que adota na sua vida cotidiana. Ele associa a figura desse treinador à de seu pai. “As artes marciais sempre são assim, é uma maneira de transmitir de pessoa a pessoa, não existe um bom praticante sem ter um bom professor, então, todo o conhecimento que eu adquiri foi através do meu professor de Karatê.”

### **Biografia do Instrutor 3 (i3)**

O instrutor 3 nasceu em 1954, em Santa Catarina. Possui provisionamento do Conselho Profissional de Educação Física para atuar nessa área de intervenção. Na atualidade, está cursando Processamento Gerencial em uma universidade particular. Exerce também a função de diretor do projeto de Karatê e cidadania da principal entidade municipal pública, voltada ao esporte, do município onde reside, atuando também como treinador. Seu grupo de alunos é heterogêneo, com idade a partir de 10 anos e de diversas classes sociais. Compete em níveis estadual, nacional e internacional.

### **Experiência de prática pessoal e profissional do instrutor 3 (i3)**

O primeiro contato do instrutor 3 (i3) com o Karatê foi em 1977, com o instrutor 2 (também sujeito deste estudo) em uma academia de artes marciais na cidade onde reside. Como atleta, lutou durante 10 anos, chegando a participar de campeonatos em nível nacional. Sempre se dedicou à prática do Karatê, tornando-se faixa preta na modalidade em 1987. Dois anos depois passou a ensinar Karatê para jovens do seu bairro.

O fator que motivou o instrutor 3 a atuar no ensino da modalidade foi um pedido de seu filho, que gostaria de treinar Karatê com o próprio pai. “Foi meu Filho F., ele com nove anos de idade queria praticar Karatê, a única condição que ele queria é que eu desse aula pra ele.”

Esse estímulo do filho parece tê-lo despertado para a possibilidade de atuação profissional que segue até hoje. “Eu achava que não gostava de dar aula, nunca fiz, não tinha essa pretensão de dar aula, gostava de treinar, gostava de competir, em 1989 ele reuniu um grupo de amigos e veio me pressionar para dar aula para eles, eu acabei cedendo e estou até hoje.”

### **Fontes de conhecimento do instrutor 3 (i3)**

O instrutor 3 julga que possui um modo particular de ministrar suas aulas, fortemente influenciado por um técnico da seleção japonesa de Karatê que foi a Florianópolis proferir um curso sobre técnicas de Karatê.

“Eu tive um tempo atrás, precisamente três anos atrás, um professor do Japão que acrescentou muito à parte de conhecimento.”

O instrutor 3 aponta como sendo fonte do seu conhecimento a própria experiência “Isso foi através da prática, praticando. Praticando você acha um caminho.”

Para ele, o aluno também é uma fonte de conhecimento:

[...] através da experiência, da prática, a gente aprende muito com os próprios alunos, não é? Às vezes o aluno acha o caminho sozinho, e aí tu identifica o que um fez, e aí começa a transferir para outro, e assim vai. É uma troca de conhecimento. Você começa a dar aula, a dar treino, e os próprios alunos começam a melhorar o nível técnico, eles mesmo vão achando seu caminho. Aí você percebe, e aí começa a troca e vai pesquisando.

## DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na análise dos relatos dos investigados, verificou-se que todos possuem experiência de prática pessoal no Karatê e destacam os episódios que geraram alguma influência para a permanência no esporte e, em particular, para o ingresso na atividade do ensino da modalidade.

De fato, muitas das experiências e crenças que as pessoas adquirem ao longo da vida influenciam e condicionam toda a sua aprendizagem profissional ou para o ensino. As crenças são desenvolvidas por meio das experiências individuais e representam o que é verdadeiro ou falso para aquele que acredita, constituindo-se em uma base de referência do seu ponto de vista para muitas das escolhas que realiza. Algumas crenças persistem por toda a vida, outras diminuem de intensidade e até são substituídas. Algumas novas crenças podem ser criadas, contudo, as criadas nas fases mais jovens têm se mostrado marcantes na vida das pessoas, principalmente no contexto esportivo (GRABER, 2001; TSANGARIDOU, 2008).

Destaca-se também nos relatos dos sujeitos investigados que o convívio social influenciou não apenas o ingresso na prática, mas também na atividade de ensino. Nessa perspectiva, Dorsch et al. (2009) indicam que a participação contínua das pessoas em um ambiente cultural e de relações gera um processo de socialização que interfere e influencia muitas das decisões tomadas.

A escolha para o ingresso desses instrutores no ensino, além de outros fatores, esteve invariavelmente ligada às interações sociais. Desse modo, ao longo da vida esportiva, cada indivíduo foi sendo submetido, involuntariamente, a experiências na juventude que interferiram na sua escolha profissional, configurando-se em um tipo de aprendizagem denominada socialização profissional (SAGE, 1989).

Relativamente aos relatos dos instrutores, em particular às situações de aprendizagem para o ensino, destaca-se o modo *informal* de aprendizagem profissional.

Ou seja, todos os instrutores realizaram um tipo de aprendizagem autodirigida, em contextos não estruturados de formação (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006).

Assim, os três instrutores adquiriram e acumularam conhecimentos, habilidades e atitudes à medida que buscaram soluções para resolver os problemas da prática. No caso dos instrutores examinados, eles indicaram os erros e acertos ou as tentativas, ou ainda as hipóteses que necessitavam criar para obter êxito nas suas tarefas de ensino. Trata-se, portanto, de um processo de reorganização e reconstrução do próprio conhecimento, a partir da reflexão da experiência pessoal do “dia a dia”, para gerar conhecimentos úteis ao ensino. É uma construção do conhecimento a partir de um processo de reflexão do próprio profissional (SCHON, 2000).

Essa forma de aprendizagem profissional pode ser interpretada também a partir da metáfora de participação de Trudel e Gilbert (2006). Sob essa perspectiva, a aprendizagem do instrutor desportivo decorre também de um processo particular de observação e engajamento pessoal que se realiza ao longo de sua vida. Ou seja, é um processo de observação contínuo e progressivo de vários anos, que se desenvolve a partir da participação voluntária de uma pessoa, em um contexto esportivo específico.

Aprender por observação é definido como um dos elementos da socialização que ocorre com uma pessoa ou aluno quando ingressa na escola ou em um contexto cultural de um professor ou instrutor, de uma modalidade esportiva em particular. A aprendizagem nessas circunstâncias resulta de um contato sucessivo e de familiarização com as formas de ensinar de professores mais experientes e competentes (GROSSMAN, 1990). Para além de um processo de reflexão, a forma de aprendizagem por observação, portanto, foi a maneira que o instrutor 1 e instrutor 2 utilizaram informalmente para adquirir seu conhecimento para o ensino.

No caso do instrutor 2, pode-se acrescentar que seu processo de observação foi direcionado ao seu treinador. A valorização desse tipo de aprendizagem implica considerar que houve algum tipo de “mentorização” (CUSHION, 2006). Ou seja, seu treinador foi um modelo pessoal que lhe inculcou valores sociais e conhecimentos importantes, e que ele tem seguido por toda sua vida.

A aprendizagem por modelação ocorre quando uma pessoa, inconsciente ou incidentalmente incorpora e reproduz pensamentos, atitudes e comportamentos de alguém por quem nutre admiração. A modelação é um processo complexo e espontâneo, na qual o observador decide se imita ou não, tendo como base o seu próprio sentimento de admiração pela pessoa observada. Geralmente, as pessoas imitam outras mais privilegiadas, pessoas mais velhas, bem-sucedidas, com afinidades pessoais, dentre outras características que despertam algum sentimento no observador.

Identificou-se também que os instrutores 1 e 3 buscaram fontes de conhecimento denominadas formas de aprendizagem do tipo não formal, que envolve cursos, semi-

nários, convertendo-se em um modo de organização circunstancial, vinculado a um dado período de curta duração e de síntese de novos conhecimentos da área, que são disponibilizados aos instrutores para atenderem às demandas de aperfeiçoamento para subgrupos particulares de profissionais (NELSON, CUSHION e POTRAC, 2006).

## CONCLUSÕES

Em conformidade com os objetivos do estudo, verificou-se que os instrutores de Karatê possuem vários anos de experiência de prática pessoal e profissional. Eles valorizam a experiência pessoal de prática como fonte de conhecimento para ensinar o Karatê.

Os valores sociais incorporados durante sua experiência de prática pessoal parecem dar significado próprio à sua prática profissional, como uma tentativa de transferência dos seus significados de prática pessoal para os objetivos ou propósitos de ensino da sua prática de ensino.

A aprendizagem profissional para o ensino ocorreu a partir de fontes informais e não formais de formação, especificamente cursos e observação do ensino de outros treinadores, e da experiência prática cotidiana.

A fonte de conhecimento mais valorizada pelos instrutores refere-se ao seu processo informal de reconstrução das experiências, surgida pela resolução de problemas da prática cotidiana de aulas.

## THE KNOWLEDGE FOR KARATE'S EDUCATION: A STUDY FROM INSTRUCTORS REPRESENTATION

**Abstract:** This study aims to examine the perception of karate instructors in their apprenticeship, classifying the sources of knowledge. The qualitative research, a descriptive interpretation, was the adopted method. The investigation comprehends the experience in this coaching mode of three karate instructors in the region of Florianopolis. Data were collected from structured and semi-structured interviews. The answers were recorded and transcribed verbatim. The results revealed that instructors seek formal and informal sources of professional learning. The most valued source of knowledge refers to the informal process in reconstruction of experiences that emerged from the solution of problems in the daily classroom practice.

**Keywords:** coach formation; life history; karate.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, A.; COLLINS, D. Examining and extending research in coach development. **Quest**. Champaign, v. 50, p. 59-79, 1998.
- ABRAHAM, A.; COLLINS, D.; MARTINDALE, R. The coaching schematic: validation through expert coach consensus. **Journal of Sport Sciences**. Londres, v. 24, n. 6, p. 549-564, 2006.
- ALVES, F. C. A triangulação enquanto técnica de validação qualitativa. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, Coimbra, v. 36, n. 1, 2 e 3, p. 77-87, 2002.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2004.
- BETTI, M. Educação física como prática científica e prática pedagógica: reflexões à luz da filosofia da ciência. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 183-197, jul./set. 2005.
- BRASIL, Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior (CNE/CES). **Resolução n. 07, de 31 de março de 2004**: estabelece as diretrizes curriculares para os cursos de bacharelado. Brasília, 2004. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/cne/pdf/CES07-04.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2004.
- CUSHION, C. Mentoring: Harnessing the power of expertise. In: JONES, R. L. (Ed.). **The sports coach as educator**: re-conceptualising sports coaching. Londres: Routledge, 2006. p. 129-144.
- DORSCH, T. E.; SMITH, A. L.; McDONOUGH, M. H. Parents' Perceptions of Child-to-Parent Socialization in Organized Youth Sport. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 31, n. 4, p. 444-468, 2009.
- FUNAKOSHI, G. **Karatê-do: o meu modo de vida**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.
- GARCIA, R. P.; PORTUGAL, P. O desporto e histórias de vida: proposta de um novo itinerário a partir de uma visão personalista. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, n. 9, v. 1, p. 90-102, 2009.
- GILBERT, W. D.; TRUDEL, P. Role of the coach: how model youth team sport coaches frame their roles. **The Sport Psychologist**, v. 18, p. 21-43, 2004.
- GRABER, K. Research on teaching in physical education. In: RICHARDSON, V. (Ed.). **Handbook of research in teaching**. 4. ed. Washington, DC: American Educational Research Association, 2001. p. 491-519.
- GROSSMAN, P. L. **The making of a teacher**: teacher knowledge and teacher education. Nova York: Teachers College, 1990.

HUNGER, D.; NASCIMENTO, J. V.; BARROS, M. V. G.; HALLAL, P. C. Educação Física. In: HADDAD, A. E. et al. (Eds.) **A trajetória dos cursos de graduação na área da saúde: 1991-2004**. Brasília: INEP, 2006. p. 87-139.

JONES, R. L.; ARMOUR, K. M.; POTRAC, P. **Sports coaching cultures: from practice to theory**. Londres: Routledge, 2004.

LEE, M.; WILLIAMS, V.; CAPEL, S. A. Who are our coaches? **Sport and Leisure**, v. 29, p. 30-31, 1989.

NASCIMENTO, E.; CANTANHEDE, A. L. I.; REZENDE, A. C. C.; DIAS, R.; ARAÚJO AZEVEDO, F. W. Identificação da futura área de atuação de acadêmicos do primeiro período do Curso de Educação Física do Centro Universitário de Belo Horizonte – UNIBH. Licenciatura ou Bacharelado? **Revista e-scientia**, v. 2, n. 1, dez. 2009.

NELSON, L. J.; CUSHION, C. J.; POTRAC, P. Formal, non formal and informal coach learning: a holistic conceptualisation. **International Journal of Sports Science & coaching**, v. 1, p. 247-259, 2006.

NORDMANN, L.; SANDER, H. The diploma-coaches-study at the coaches academy cologne of the german Olympic sport federation. **International Journal of Coaching Science**, v. 3, n. 1, p. 69-80, 2009.

PEREIRA, R. S.; MOREIRA. Influências das alterações legais na formação profissional em Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v. 14 n. 4, p. 471-483, out./dez. 2008.

RAMOS, V. **O treino de basquetebol na formação desportiva de jovens**. Portugal, Porto, Tese de Doutoramento. FADE, UP, 2008.

SAGE, G. H. Becoming a High School Coach: from playing sports to coaching. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 60, n. 1, p. 81-92, 1989.

SCHÖN, D. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

TSANGARIDOU, N. Trainee primary teachers'beliefs and practices about physical education during student teaching. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 13, n. 2, p. 131-152, 2008.

THOMAS, J. R.; NELSON J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TRUDEL, P.; GILBERT, W. Coaching and coach education. In: KIRK, D.; MACDONALD, D.; O'SULLIVAN, M. M. (Eds.). **The handbook of physical education**. Londres: Sage, 2006. p. 516-539.

UDESC, Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos-CEPSH. **Parecer n. 11/2011**. Disponível em: <<http://www.udesc.br/?id=677>>. Acesso em: 3 ago. 2012.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

WRIGHT, T.; TRUDEL, P.; CULVER, D. Learning How to coach: the different learning situations reported by youth ice hockey coaches. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 12, n. 3, p. 127-144, 2007.

**Contato**

Gabriel Renaldo de Sousa  
E-mail: gabrielrdesousa@gmail.com

**Tramitação**

Recebido em 6 de agosto de 2012  
Aceito em 14 de dezembro de 2012